

Caçador de Sombras GUIDO GUIDI

Viagem aos limites do Porto
Curadoria de Paula Parente Pinto e Joaquim Moreno

15 OUT - 13 DEZ
Sala de Exposições EA

PROGRAMA PARALELO

15 OUT

18:30h
Silêncios, Ausências e algumas Avarias
Conversa com Álvaro Domingues e Joaquim Moreno

Local:
Auditório Ilídio Pinho

Visitas
Orientadas
à Exposição

14 NOV

18:00h
Com Carlos Lobo (Coordenador do Mestrado em Fotografia)

21 NOV

18:00h
Com Paula Parente Pinto e Joaquim Moreno (curadores da exposição)**
[** em confirmação]

Local:
Sala de Exposições EA

Antes de cada visita será exibido o filme
Guido Guidi - Cose da Nulla (2017)
Daniele Pezzi e Agostino Cordelli

Ciclo de
Cinema

Porto,
Periferia

16 OUT

18:00h
Tarrafal (2016)
Pedro Neves

23 OUT

18:00h
Arca d'Água (2009)
André Gil Mata
Piton (2011)
André Guiomar

30 OUT

18:00h
Não Consegues Criar o Mundo Duas Vezes (2017)
Francisco Noronha e Catarina David

Local:
Auditório Ilídio Pinho

Organização:
Associação de Estudantes da Escola das Artes

[O ciclo Porto, Periferia conta com a presença dos diversos autores]

9 NOV

9:30h
Deriva Fotográfica*

Organização:
Mestrado em Fotografia da Escola das Artes e The Worst Tours

Ponto de encontro:
Praça do Marquês

3 DEZ

18:30h

Antestreia do filme
Vivi Nascosto
+ conversa com
Guido Guidi, Paula Parente Pinto e Paulo Catrica

Local:
Auditório Ilídio Pinho

GUIDO GUIDI/ CAÇADOR DE SOMBRAS:

Viagem aos limites do Porto

Em dialeto Veneziano, “andemo a bëvere un’ombra” significa ir “beber um copo de vinho”, porque os taberneiros costumavam instalar as suas bancas à sombra do campanário. (...) Mas poderíamos dizer, que a partir de Talbot, a fotografia é a arte de capturar sombras.

Guido Guidi, “Thinking with the Eyes”, in A.A.V.V., Carlo Scarpa Architect: Intervening with History, Montréal: Canadian Centre for Architecture/ The Monacelli

Apresentando-se como estratégia de descentralização do olhar, num período em que a cidade do Porto parece ter entrado numa fase de profundas transformações fomentadas pelo turismo urbano, o levantamento fotográfico de Guido Guidi constitui-se como uma viagem pelas periferias e limites urbanos, incluindo o centro oculto, que não fica registado nos postais representativos da cidade. Um olhar centralizado e normativo, dirigido aos edifícios notáveis, embora tranquilizador, não responde às necessidades estratégicas da cidade contemporânea e à visão prospectiva que ela necessita. Procura-se assim desviar a atenção do centro bem identificado para os limites cada vez mais ténues e indefinidos.

O título encontrado desta exposição: shadow hunter, acontece a meio caminho entre o gesto de fixar as sombras no filme fotográfico que parece descrever e o nome de um personagem fantasioso de uma série televisiva grafitado numa parede da cidade. É um acidente, um acaso, que dá sentido aos eventos que o precedem; que faz acontecer a história que parece contar e constrói os conflitos e os paradoxos que percorre e torna um pouco mais sensíveis. Focado em lugares recombinações e pluritemporais, o olhar de Guido Guidi é um espelho silencioso que nos devolve alguns limites urbanos tornados invisíveis pelo quotidiano.

Viajar aos limites das cidades, é ir ao encontro dos seus confins e conflitos, aos momentos em que as coisas se avizinham e se antagonizam, onde o que é contíguo ameaça sobrepor-se. É desviar-se do que é estável e codificado, arrumado nos lugares comuns da memória colectiva, e percorrer os limiares entre o urbano e a cidade, entre o comum e o invisível, entre o difuso e o confuso, entre o fugaz e o arruinado. É afastar-se do centro físico e simbólico da cidade e da imagem.

Guidi evoca recorrentemente a estrutura funcional e hierárquica da pintura do Quattrocento – em que a Madonna surge ao centro da tela, rodeada por santos, numa composição estática em que apenas os anjos que aparecem nas extremidades parecem ter alguma amplitude de movimentos – para explicar como esta ideia se repercute na

estrutura da cidade, em que o centro, por mais transformações recentes que tenha sofrido, é sempre mais inflexível que as periferias. No seu entender, para perceber as transformações mais consistentes é necessário observar os limiares urbanos.

Nos lugares onde o poder é menos incisivo, é mais fácil transgredir. Guido observa esse mesmo paralelismo nas próprias fotografias, interessando-lhe sempre mais o que se passa nas margens. Por isso diz que para onde quer que se olhe, há sempre coisas para ver.

Num momento da organização do território em que cada vez mais as cidades se sobrepõem às nações como unidades de organização territorial, é paradoxal que o aumento da sua relevância coincida com a erosão dos seus limites. É também paradoxal que a uma urbanidade consumível, cada vez mais centrada em objetos e pontos notáveis, corresponda a massificação de imagens convergentes e íntimas, souvenirs individuais e genéricos do turismo global. Então como viajar nestes limites? Talvez procurando os silêncios e as ausências, transformando o desencanto em abstração, olhando outra vez e de outra maneira o que já não vemos.

À falsa ideia da imagem instantânea que fazemos dos monumentos representativos das várias cidades do mundo, as imagens de Guido Guidi contrapõem a exatidão da definição técnica, mas também de tudo aquilo que a câmara consegue captar. Apesar da proximidade dos locais que começou por fotografar e de voltar frequentemente aos “mesmos sítios”, a sua fotografia está longe de ser um exercício de reconhecimento; pelo contrário, a fotografia é um instrumento que funciona por afastamento e comparação com outras imagens. O seu trabalho funciona por repetição e por séries. Guido diz que mais que olhar as coisas, a fotografia mostra o olhar e nesse sentido chega a sentir que, uma vez enquadradas, são as coisas que olham para o fotógrafo. É nesse sentido, que o seu trabalho é contemporâneo da transformação paisagística que ele própria revela.

Ficha Técnica

CURADORIA

Paula Parente Pinto / Joaquim Moreno

COORDENAÇÃO

João Covita

PRODUÇÃO E LOGÍSTICA

Margarida Dinis

COMUNICAÇÃO

João Pedro Amorim

DESIGN

João Pereira

MONTAGEM

Luis Magalhães

Artur Ruivo

APOIO TÉCNICO

Pedro Oliveira

AGRADECIMENTOS

Marta Guidi, Paulo Catrica, Matilde Seabra, Álvaro Domingues, Pedro Bandeira, José Aurélio, Mariano Sartore, Vítor Guedes, Alexandre Inglês, Carlos Lobo, Skia Media, The Worst Tour of Porto



